

## PE-003 - CORRELAÇÃO ENTRE O NÚMERO DE INTERNAÇÕES POR BRONQUITE E BRONQUIOLITE AGUDAS EM MENOS DE 1 ANO NO PERÍODO PRÉ E PÓS-PANDEMIA POR COVID-19 NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Stéphanie Caminha Bedin<sup>1</sup>, Sophia Caminha Bedin<sup>1</sup>, Valéria de Carvalho Fagundes<sup>1</sup>, Marcos Vinícios Razera<sup>1</sup>, Antonia Haigert Lepsen<sup>1</sup>

1 - Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

**Introdução:** Bronquiolite Viral Aguda (BVA) é definida como o primeiro episódio de sibilância, associado a infecção viral em lactentes, caracterizada por obstrução de vias aéreas inferiores. O principal agente etiológico é o vírus sincicial respiratório (VSR). Estima-se que a prevalência de BVA seja de até 10% no primeiro ano de vida e a taxa de internação nessa faixa etária de 1 a 3%. Assim, a BVA representa a principal causa de internação até 1 ano de idade, com uma taxa de mortalidade que varia de 4 a 7% entre os lactentes internados. **Objetivo:** Comparar o número de internações anuais por bronquite e bronquiolite aguda em lactentes menores de 1 ano no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 2018 e 2022, e correlacionar com o período de isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. **Métodos:** Estudo retrospectivo e quantitativo dos dados disponibilizados no Sistema de Informações sobre Morbidade Hospitalar do Ministério da Saúde, no período de 2018 a 2022, com análise do número de internações hospitalares por bronquite e bronquiolite aguda em menores de 1 ano. **Resultados:** Em 2018, foram registrados 5.008 internações por bronquite e bronquiolite aguda em menores de 1 ano no Rio Grande do Sul, em 2019, foram 5.591 internações, em 2020, foram 705, em 2021, foram 3.652, e em 2022, foram 6.229, totalizando 21.185 internações por bronquite e bronquiolite aguda em menores de 1 ano no período analisado. Ao compararmos os anos que antecedem a epidemia de COVID-19 no Brasil, houve um aumento de 11,6% nas internações por BVA, enquanto ocorreu uma redução de 87% se compararmos os anos de 2019 e 2020, no qual as crianças estavam impossibilitadas a frequentar creches. Em 2021, com a flexibilização do isolamento e reabertura de escolas, a taxa de internação diminuiu em 35% em relação ao período pré-pandemia, mas apresentou um aumento em 518% se comparado ao mesmo período em 2020. Se fizermos a comparação entre os anos de 2020 e 2022, o aumento é ainda mais significativo de 783%. Na avaliação dos dados, percebe-se importante redução das taxas de hospitalização por BVA no período da pandemia de COVID-19. Seria esse fenômeno reflexo do isolamento social? A possível redução da circulação do VSR ou menor infectividade na população pediátrica também são fatores importantes para explicar esses dados? Embora nem todos os quadros de bronquite e bronquiolite aguda sejam devido a quadros de BVA, utilizamos como sinônimos para essa avaliação. Nesse sentido, nota-se que o BVA segue sendo importante fator de morbidade e de grande impacto financeiro para a saúde. Por fim, necessita-se mais estudos para avaliar o comportamento da taxa de hospitalização por BVA em crianças menores de 1 ano, considerando outras variáveis, a fim de estimular a prevenção primária e reduzir as taxas de internação pela doença.

## PE-004 - ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS E TECIDOS NA POPULAÇÃO PEDIÁTRICA BRASILEIRA

Gabriela Resmini Durigon<sup>1</sup>, Camila Portaluppi Michelon<sup>1</sup>, Fabiana Bender<sup>1</sup>, Luana Ribeiro Bresolin<sup>1</sup>, Marina Atkinson<sup>1</sup>, Bernardo Orlandini Bergamaschi<sup>1</sup>, Bianca Tomazelli Feitosa<sup>1</sup>, Nelson Franco<sup>1</sup>

1 - Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES).

**Introdução:** O transplante de órgãos é uma estratégia eficaz como tratamento de doenças terminais com diminuição de morbimortalidade. Contudo, há um pequeno número de doadores em comparação com a quantidade de pacientes em listas de espera. **Objetivo:** Relatar o número de transplantes de órgãos realizados em pacientes de 0 a 17 anos, durante o período de 2011 a 2020. **Métodos:** Estudo epidemiológico descritivo realizado por pesquisas no Registro Brasileiro de Transplantes, que dimensiona os transplantes realizados no Brasil, de janeiro/2011 a dezembro/2020, associando tipo de doador, órgão, óbitos, lista de espera e relação com a COVID-19. **Resultados:** Observando o número de transplantes no Brasil, constata-se que em 2020 foram realizados 963 transplantes na população pediátrica, representando 20,04% quando comparado com pacientes de qualquer idade. Notou-se 1.220 pacientes entre 0 e 17 anos na lista de espera e aproximadamente 4,6% dos pacientes faleceram antes de receberem o órgão. Em relação ao tipo de órgão doado, observou-se que a medula óssea foi o mais frequente, sendo registradas 477 (49,53%) dos transplantes, seguida pelo rim com 245 (25,44%), fígado com 200 (20,76%), coração 39 (4,04%) e pulmão 5 (0,51%) dos transplantes. Em uma comparação de 10 anos, de 2011 a 2020, percebe-se que os transplantes de coração, aumentaram 39,28%, e de fígado aumentaram 1%, ao contrário dos transplantes de pulmão, que diminuíram 16,6% e de rim com queda de 16,08%. Quando analisada a medula óssea, existe predomínio de doadores transplantes com 68,34% dos casos. Em relação à pandemia de COVID-19, no ano de 2020 se observou uma redução de 17% no número de transplantes em relação a 2019. Percebe-se, ainda, uma curva decrescente de transplante de órgãos sólidos do ano de 2011 para 2020 de 518 para 486. Nota-se redução de 17% no número de transplantes pediátricos, no ano de 2020 e de 6,1% nos últimos 10 anos. **Conclusão:** Portanto, inferimos que a pandemia de COVID-19 afetou de forma negativa as crianças na lista de espera. Em relação ao tipo de órgão doado, a medula óssea foi o mais frequente, sendo evidente a necessidade de medidas públicas para realização de transplantes e conscientização da população sobre doação de órgãos sólidos, pois esses transplantes ainda hoje dependem em sua maioria de doadores falecidos.